

Fugas

Sábado | 25 Abril 2009

Gourmet

Decorar bolos pode ser uma receita contra o stress



Em Família

O Pão, do moinho à mesa, numa aldeia de xisto

Motores

Primavera fértil em novidades nos SUV de prestígio



França

Vamos brincar ao futuro num parque de diversões

Sob o céu alentejano

Adormecer a ver estrelas e acordar de frente para a albufeira do Caia. Não precisa de escolher: uma visita à Casa da Ermida de Santa Catarina, perto de Elvas, garante-lhe isto tudo. E ainda mais, como um pôr do sol fantástico, que deixou **António Marujo** rendido a uma paleta de cores indizíveis

Podemos adormecer a ver as estrelas do céu alentejano e acordar com o sol a aquecer, forte, o quarto de cima. Ou repousar o olhar na albufeira do Caia, olhando a manada de bois, ao fundo, atravessando a água. E apreciar cegonhas, patos selvagens, abibes e cizões, por vezes alguma águia, passeando sobre as oliveiras (mais raramente, centenas de grous passam por aqui ao fim da tarde). Ou dar um passeio até à ermida que dá nome à casa. Talvez ainda extasiarmo-nos com o espectáculo ao pôr do sol, que nem um multimédia conseguirá

reproduzir - já lá iremos, que ainda agora chegámos e o sol vai alto.

Casa da Ermida de Santa Catarina. A poucos quilómetros de Elvas, junto à albufeira do Caia, este é um consolo para os sentidos. Rodeados da água que a barragem aqui concentrou, podemos usufruir da tranquilidade que só um mar assim nos brinda. A casa e a ermida (que chega a ficar isolada em anos mais chuvosos) estão em duas pequenas penínsulas criadas pelos caprichos da albufeira.

À chegada, apetece logo demorar corpo e espírito na vasta sala. Uma grande lareira, carpetes, uma cadeira de baloiço e outra de rodas (em madeira), sofás e cadeirões, "puffs" em palha, mantas, cestos com revistas, duas estantes com

livros, arcas - tudo nela convida a suspender o instante.

Mas primeiro há que perceber o projecto do proprietário, o arquitecto Carlos Guedes de Amorim, que descobriu um monte com um edifício em ruínas, já lá vão nove anos. As obras, iniciadas em 2003, terminaram no ano passado, quando a casa foi inaugurada. Ao lado manteve-se a casa dos caseiros.

Os pés direitos foram aproveitados "na totalidade para tirar partido do volume", explica Guedes de Amorim. Rectangular e comprida, só o interior foi revisto, mantendo o típico corredor central da tradição

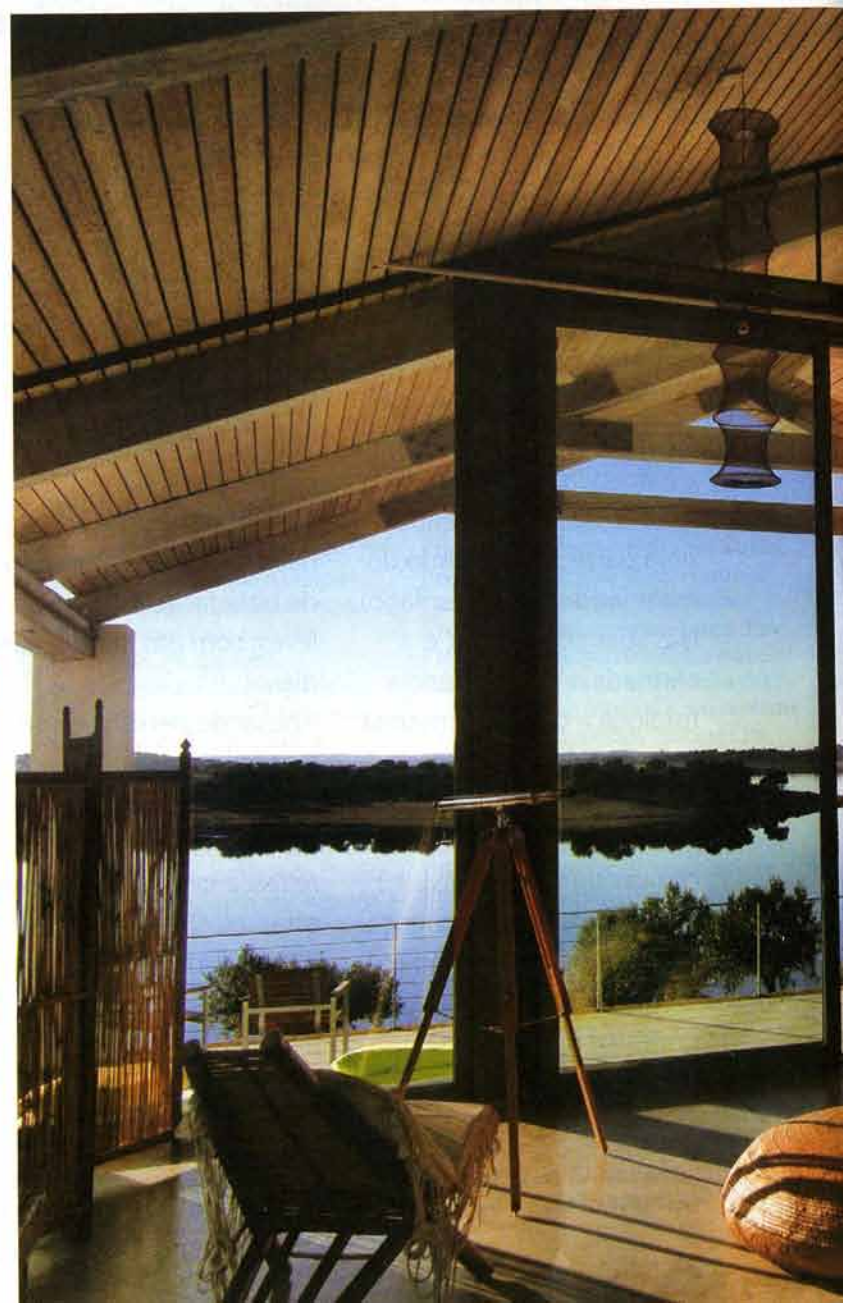
alentejana a separar os seis quartos (o sétimo, em cima, voltado a nascente, é a suite). A meio, num pequeno oratório, a imagem de Santa Catarina que estava na ermida, agora vazia mas também recuperada, que dá nome à casa. Ainda no corredor, estampas antigas com 24 reis portugueses - uma opção estética, nada mais.

No átrio que serve de recepção, vários objectos antigos, entre os quais uma sanita de viagem. A decoração (nada está a mais, a perfeição da casa também está nos pormenores) é uma exemplar recuperação da modernidade contida em antigas selhas, candeias e lanternas, peneiras de cereais,



Casa da Ermida de Santa Catarina
Herdade da Rocha
Santa Eulália
Elvas
Tel.: 917214380

<http://casadaermidadesantacatarina.com/home.htm>
info@casadaermidadesantacatarina.com
Preços a partir dos 90 euros



redes de pesca ou quadros. Motivos da vida rural e da pesca, os dois ambientes onde a casa se insere.

Jejum televisivo

Circule-se pelo corredor, pelo "hall" de entrada ou pela sala, a água é uma presença constante. "A casa vive da água, os animais estão ali por causa da água", diz ainda o arquitecto. Integrada na Rede Natura, a casa deixa-nos ver as cores com que o Alentejo se vai vestindo: verdes invernais, flores da Primavera, dourados do Estio e os quentes e frios do Outono.

Entra-se na sala pela metade mais interior, com uma mesa comprida de jantar - dando à sala o tom familiar que sentimos em toda a casa. Rodeiam-nos objectos de pesca, peneiras de cereais, antigos utensílios de cozinha. Por cima da bancada de serviço, um painel em telha de cerâmica vidrada impõe-se suavemente. Sobre a mesa, um original candeeiro com bolas de vidro dentro de uma rede de pesca, saído das ideias do proprietário e do engenheiro do caseiro, tal como outras peças que veremos nos quartos.

A sala, virada a poente, é um tributo ao conforto - não ao excesso. Aquecida com o fogo da lareira, acesa desde manhã cedo, vai ficando discretamente iluminada e ambientada pelos candeeiros,

dispersos, quando a luz do dia começa a escassear. Um conselho: o plasma, colocado discretamente num canto, pode ser deixado tranquilo, que aqui tudo apela ao benefício do jejum televisivo.

De novo um convite ao verbo estar na varanda da sala: duas mesas com cadeiras, dois estrados com almofadões, uma cadeira de baloiço pendurada num gancho.

Separando a sala e a varanda, duas grandes portas e toda a fachada em vidro, encomendada de propósito para o final da tarde: o pôr do sol prolonga-se, aqui, até ser praticamente noite, numa paleta de vermelhos e laranjas, verdes da paisagem e azuis da água, um concerto de pássaros, duas línguas de terra que quase se tocam, a água navegando em baixo, tranquila.

Ópera no banho não

Quando se entra no quarto, de novo a surpresa: o bom uso dos materiais pode conter em si o segredo de que só a simplicidade é capaz. Candeeiros, puxadores de portas e chaveiros, toalheiros, são feitos a partir de cangas de bois ou da junção de pequenos troncos de árvore e pedras. Os espelhos são emoldurados a zinco e as selhas

recriam originais lavatórios.

Os caseiros, Isabel e João Sengo, são responsáveis pela execução de várias peças: ela pintou as portas em suaves tons de azul, mas deixando veios da madeira à vista, ele colou madeira e pedra, inventando peças originais a partir das indicações de Guedes de Amorim.

As cores das casas de banho de cada quarto são felizes descobertas, pintadas em "tadelakt" com pigmentos originários de Marrocos, Brasil e Portugal, e testadas até acertar com o tom pretendido: verdes e azuis, sempre a água a dar o mote, e ainda um em amarelo forte e outro em tijolo. As banheiras são ligeiramente escavadas no chão dando um toque singular.

No quarto de cima, que inclui um alpendre privativo, repete-se a visão da sala mas na direcção oposta: oito grandes janelas (a fachada também é toda em vidro) permitem adormecer a ver estrelas. Literalmente. Também aqui, foram recuperadas peças antigas e criados candeeiros e ornamentos. Na casa de banho, há possibilidade de escolher o duche ou o banho mais prolongado na banheira.

Mas atenção: apesar de rodeada de água, a Casa da Ermida de Santa Catarina vive de um furo, conseguido apenas à oitava tentativa. E que não fornece água em abundância. Por isso, o proprietário apela, na folha de informação da casa: "Faça por não cantar uma ópera completa enquanto se ducha."

À volta, nesta altura do ano, o problema é também a escassez. O retrato está na albufeira, aponta o arquitecto: duas ilhotas que se formam em invernos mais chuvosos estão ainda unidas porque a água vai baixa.

Fora de casa, há outras razões para saborearmos o prazer do regresso à terra: perus, galinhas, ovelhas, cães. Criação dos caseiros, perdição dos mais novos - e dos mais velhos, porque não? Ou um passeio até à ermida ou pelas margens da água, ouvindo o suave marulhar.

À noite, a casa ganha o seu espírito, com velas acesas pelo corredor, nos quartos, na sala. O último toque de intimidade, que nos faz desejar querer prolongar cada momento que nos é dado.

A casa

Sete quartos, um deles em suite; todos com casa de banho e aquecimento. O pequeno-almoço inclui as saborosas dobradiças, bolo regional de erva-doce e canela e, para quem quer aproveitar o descanso, pode ser servido até ao meio-dia. O que permite usufruir da casa até ao limite e deixá-la lentamente, só mesmo quando tem de ser. Crianças, só a partir dos oito anos, a não ser que se integrem num grupo, alugando a casa toda e tendo também possibilidade de utilizar a cozinha. Os preços



oscilam entre os 90 euros (domingo a quinta, quarto duplo) e os 150 euros (suite, sexta a domingo); cama extra são 24 euros e a casa toda custa 1600 euros.

Como ir

Na A6, saída para Elvas, tomar a direcção de Santa Eulália (Norte); chegando a esta localidade, segue-se para Campo Maior; a partir da rotunda do cemitério são 6,3 quilómetros até à entrada da herdade; depois, mais 3,5 quilómetros, em terra batida, até à casa. Nó GPS: 3º 59' 53" N, 7º 10' 30" O

Onde comer

Perto (15, 20 quilómetros), podemos ir à Taberna do Adro, em Vila Fernando, fazendo as honras aos petiscos e à criatividade gastronómica; ao Pompílio (São Vicente e Ventosa), com comida tradicional; ou ao ApertAzeite (Campo Maior). Em qualquer dos casos, os preços não são baixos. Mas o melhor, pelo menos ao jantar, é prevenir-se e usufruir da casa, do pôr do sol, da tranquilidade. Ficando, há minibar, uma tábua de queijo, azeitona e presunto, e uma selecção de vinhos alentejanos e ribatejanos.

O que fazer

Além de poder passear quilómetros à beira de água, pode ainda experimentar-se uma volta grátis de caiaque (em ambos os casos, pedindo com antecedência pode levar-se um cesto com merenda). Nos passeios, pode ter-se a sorte de ver aves a nidificar. Nos arredores, está Elvas (antiga Sé, museus de arte sacra e arte contemporânea e o extraordinário aqueduto), ver as grandes chaminés de São Vicente ou a Adega Mayor (projecto de Siza Vieira) em Campo Maior.

